

O conservadorismo de Donald Trump no contexto do debate contemporâneo sobre populismo

The conservatism of Donald Trump in the context of the contemporary debate on populism

El conservadurismo de Donald Trump en el contexto del debate contemporáneo sobre populismo

Luis Fernando Ayerbe

Professor Titular de História Geral da Universidade Estadual Paulista (Unesp), atuando no Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e no Programa San Tiago Dantas de Pós-graduação em Relações Internacionais da Unesp, Unicamp e PUC/SP. E-mail: ayerbe@fclar.unesp.br

Resumo: O texto discute a ascensão de Donald Trump a partir de variáveis mais amplas como a conjuntura econômica internacional, o fortalecimento da *alt-right* (direita alternativa) e do conceito de populismo – debatido em diálogo com autores da tradição americana e latino-americana. Argumenta-se que Trump é um risco para o establishment e buscou apoio entre democratas – apelado pela dignidade perdida – e flerta com uma base mais ampla que a dos Republicanos, canalizando uma mistura de nostalgia, sentimento de exclusão e como artífice de si mesmo.

Palavras – chave: Donald J. Trump. Populismo. Conservadorismo nos EUA.

Abstract: The text discusses Donald Trump's rise but from broader view and with variables such as the

international economic conjuncture, the strengthening of the alt-right and the concept of populism - debated in dialogue with authors of the American and Latin American traditions. It is argued that Trump poses a risk to the establishment and sought the support among Democrats - appealed for by lost dignity - and flirts with a broader base than Republicans, channeling a mixture of nostalgia, a sense of exclusion, and as an artifact of itself.

Key words: Donald J. Trump. Populism. Conservatism in the USA.

1. Introdução

Durante a campanha eleitoral de 2016, Donald Trump expôs diferenças importantes nas políticas doméstica e externa com relação à candidata do Partido Democrata Hillary Clinton. Brandindo como palavra de ordem “America First”, enuncia um conjunto de promessas polêmicas, como o cancelamento do programa de saúde conhecido como Obamacare; o questionamento de tratados de livre-comércio acompanhado de protecionismo do mercado interno e estabelecimento de barreiras à imigração – com controle fronteiro levado ao paroxismo com a construção de muro separando EUA do México–; revisão da normalização diplomática com Cuba e abandono do acordo com o Irã.

Subestimado e satirizado desde o início das primárias partidárias, ao se tornar candidato oficial do Partido Republicano, e a pesar do discurso conservador, Trump passa a ser considerado um risco para o establishment, inclusive por setores tradicionalmente associados às administrações Republicanas. O favoritismo atribuído à Clinton por parte de pesquisas e analistas, fortalecido com apoio majoritário de formadores de opinião do âmbito empresarial, sindical, artístico e meios de comunicação, durou até a abertura das urnas, quando o escrutínio de votos passou a mostrar vantagem contínua do seu oponente na conquista de delegados para o colégio eleitoral que o sacramentou como presidente.

Ser um outsider optando por campanha pautada em slogans provocativos e de alto impacto midiático se mostrou altamente recompensador na etapa de conquista de votos. Para exercer o poder, os desafios são mais complexos. Como apontou Francis Fukuyama:

Trump brilhantemente conseguiu mobilizar a parcela descuidada e insuficientemente representada do

eleitorado, a classe trabalhadora branca, e empurrou sua agenda ao topo das prioridades do país. Agora terá que entregar, no entanto, aqui é onde radica o problema. Há identificado dois problemas muito reais na política de América: o aumento da desigualdade, que tem afetado muito duramente à velha classe operária, e a captura do sistema político por grupos de interesse bem organizados. Desafortunadamente, ele não tem um plano para resolver nenhum desses problemas (FUKUYAMA, 2016).

Diferentemente de Clinton, Bush e Obama, que sempre contaram com programas de governo formulados por equipes técnicas de extensa experiência de assessoria e gestão dentro do entorno dos partidos Democrata e Republicano, Trump foi fundamentalmente o artífice de si mesmo, com assessores recrutados no seu ambiente familiar e empresarial de confiança, e em círculos da chamada Alt-right (Direita Alternativa), articulados principalmente em torno do portal Breitbart News, em que se destaca a presença do seu então diretor, Steve Bannon, que assume a coordenação da estratégia de campanha.

Criado em 2007, o portal deve seu nome ao seu fundador, o analista conservador Andrew Breitbart, que falece em 2012, atuando como

plataforma de um conjunto heterogêneo de grupos cujo comum denominador é a crítica do conservadorismo tradicional, com agendas que envolvem nacionalismo a partir da supremacia branca, anti-feminismo, islamofobia e neonazismo.

A Direita Alternativa se situa como parte dos movimentos europeus que adotam uma agenda de renascimento do Estado-nação, antiglobalização e anti-imigrante com componentes étnicos. É o caso da Frente Nacional francesa, do Partido da Independência do Reino Unido (UKIP), a Alternativa para a Alemanha (AfD), o Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ), o Partido para a Liberdade da Holanda, o Movimento 5 Estrelas (M5S) da Itália, o Amanhecer Dourado na Grécia, os Verdadeiros Finlandeses, os Democratas da Suécia, o Partido Popular Dinamarquês (PPD), o Jobbik (“Os melhores”) da Hungria, o Partido Croata dos Direitos Puro (HCSP).

Diferentemente da Europa, em que essas correntes se estruturam em forças políticas cuja identidade é mobilizadora de adesão eleitoral, desafiando o establishment conservador e socialdemocrata, nos EUA está longe de ser um marco de

arregimentação de apoios sedimentados em consciência ideológica de bases sociais sólidas. Na linha apontada por Fukuyama, o que prevaleceu em 2016 foi um deslocamento conjuntural de preferências de eleitores tradicionalmente votantes do Partido Democrata, que se identificaram com o discurso de recuperação de dignidades perdidas de Donald Trump, em grande parte associadas à perda de empregos de qualidade. Sua ascensão adquire relevância na esteira da eleição de um candidato cuja marca destacada é o pragmatismo de maleabilidade elástica, especialmente no que se refere a convicções político-ideológicas.

Lhe atribuindo comportamento motivado menos por convicção do que por sentido de oportunidade, sob a influência de Stephen Bannon, que após a eleição é premiado com o cargo de principal assessor presidencial, *The Economist* assume a posição de setores colocados como alvo do discurso nacionalista, antiliberal e anti-globalista da Direita Alternativa, estabelecendo pautas sobre o que fazer?

O primeiro passo é limitar os danos.... Os republicanos moderados e os aliados dos EUA precisam dizer ao presidente por que Bannon e os que comungam de sua ideologia estão errados.... Também é fundamental convencer Trump de que são as alianças que garantem a supremacia dos EUA...Se Trump realmente deseja colocar os EUA em primeiro lugar, sua prioridade deveria ser fortalecer os laços diplomáticos do país, não tratar seus aliados com desprezo. E se o conselho for ignorado? Os aliados dos EUA precisam manter as instituições multilaterais em pé para o dia em que Trump deixar a Casa Branca. Também precisam se preparar para enfrentar um mundo em que os EUA já não exerçam um papel de liderança (*THE ECONOMIST*, 2017, sem paginação).

Visualizando uma disputa de poder de contornos que vão além da política doméstica estadunidense, dado o impulso que a vitória de Trump e do Brexit na Inglaterra proporcionaram a partidos e movimentos de signo ideológico similar na Europa, a revista *The Economist* esboça uma reação frente à projeção, antes subestimada pelo triunfalismo do “fim da história”, de uma direita que reivindica tradições etno-nacionalistas e religiosas. A personificação na figura de Bannon, o transforma em alvo perfeito pela posição ocupada na administração e sua conhecida trajetória ativista de

explícito radicalismo, chegando a se comparar com Lênin em sua epopeia para destruir o Estado: “Quero derrubar tudo, e destruir todo o atual establishment” (RADOSH, 2016).

Parte desse ideário foi apresentado em conferência realizada em 2014 durante evento no Vaticano, quando Bannon advertiu sobre a existência de uma grave crise no Ocidente judaico-cristão, envolvendo o capitalismo, a fé e a religião.

No âmbito do capitalismo, Bannon considera que a crise se expressaria na prevalência de dois modelos que subvertem os “fundamentos espirituais e morais do cristianismo ... Um deles é o capitalismo patrocinado pelo estado ... que se vê na China e na Rússia ... A segunda é um capitalismo que parece transformar as pessoas em commodities” (Feder, 2016). Somado à secularização, em que se vê uma perda de espaço da fé frente à cultura popular, alerta para brechas favoráveis à ofensiva do grande inimigo do século XXI, o “fascismo islâmico jihadista”.

Perguntado no evento sobre como via a Vladimir Putin nesse cenário global de conflito, pondera seu esforço em “defender as

instituições tradicionais, e que está tratando de fazê-lo de forma nacionalista”, e ainda que de fato considere a Rússia “uma cleptocracia, realmente uma potência imperialista que quer se expandir... a verdadeira situação é que se está frente a um potencial novo califado muito agressivo”. Nessa escala de desafios prioritários, situa a estratégia de Breitbart como parte de um campo populista:

Fomos o primeiro grupo a entrar e começar a informar sobre coisas como a UKIP, a Frente Nacional e outros de centro direita ... O central que coloca tudo isso junto é o movimento de centro-direita populista da classe média, os homens e mulheres que trabalham no mundo que estão simplesmente cansados de serem determinados pelo que chamamos o partido de Davos (FEDER, 2016, sem paginação).

Tanto a direita etnonacionalista como a neoliberal se percebem em enfrentamento aberto. No lado da Direita Alternativa, se procede a uma vertiginosa ocupação de espaços em decisões de impacto em Washington. No lado neoliberal, se desencadeia ofensiva nos meios de comunicação com um roteiro que, na linha da *The Economist*, prevê três possibilidades: 1) persuasão de Donald Trump, que não seria radical como seu

estrategista Bannon, e em algum momento poderá ser levado a mudar de rumo frente a custos resultantes do isolamento político; 2) o presidente mantém a linha adotada, beneficiando-se de respaldo popular paralelo a expansão da economia, obrigando à construção de alianças pensando num futuro pós-Trump; 3) o presidente mantém a linha adotada a pesar da permanência da crise de gestão, aumentando as vozes a favor de uma saída antecipada.

A segunda possibilidade, caso se configure, depende de melhoras palpáveis no bem-estar econômico cuja perceptibilidade não é imediata. A primeira já está em plena operação, diferentemente de presidentes anteriores, Trump não gozou de 100 dias de lua-de-mel, e a Direita Alternativa perdeu espaço no governo. Bannon enfrenta crescente isolamento pelo enfrentamento com setores receosos de que seu extremismo militante imprima o perfil mais visível da administração, agravado pelos incidentes de agosto de 2017 em Charlottesville, quando confrontos de rua deflagrados durante manifestação de grupos supremacistas brancos levou à morte de uma ativista anti-discriminação,

impondo forte desgaste ao presidente, o que torna sua permanência insustentável e deflagra a renúncia ao seu cargo. A terceira, ainda que presente como especulação nos meios de comunicação, envolve a posição que possa adotar o Partido Republicano.

As preocupações externadas apontadas pela *The Economist*, são representativas de perspectivas no interior do establishment receosas de uma perda de posições que termine colocando em risco a agenda globalista prevalecente após o fim da Guerra Fria, são bem sistematizadas por William Galston, da Brookings Institution⁷⁶, para quem:

Da Mitteleuropa [Europa central] ao centro-oeste dos Estados Unidos, passando pelas Midlands da Inglaterra, uma reação contra o arranjo que deu sustentação à democracia ocidental desde o colapso do bloco soviético vem ganhando força. Uma onda populista ameaça os pressupostos e realizações de políticos e formuladores de políticas públicas dos principais partidos, seja de centro-esquerda ou centro-direita. Políticas econômicas baseadas no livre-comércio e na flexibilização do mercado de trabalho estão sob ataque. Normas culturais que celebram a

⁷⁶Fundada em 1916, a Brookings se autodefine como independente, embora seja considerada tradicionalmente próxima ao Partido Democrata.

diversidade e promovem a imigração vêm perdendo força. Acordos e instituições internacionais estão perdendo terreno para forças nacionalistas (GALSTON, 2017, sem paginação)

Como apontado, a ascensão de Trump e a interlocução entre a Direita Alternativa da sua base de apoio com as direitas etno-nacionalistas da Europa alimentam discursos antissistema pautados na desigualdade social acompanhada de precarização de empregos com impacto direto nas remunerações. Nas palavras de Bannon, trata-se de movimentos que temem os alvos visíveis o “partido de Davos”.

Reconhecendo a base econômico-social que dá origem a esse mal-estar, Klaus Schwab, fundador do Fórum Econômico Mundial (FEM)⁷⁷ que se reúne anualmente em Davos, registra possibilidades de resposta a imperativos estruturais incontornáveis e irreversíveis cuja determinação atribui à “quarta revolução industrial”.

Em contraste com as revoluções anteriores, que promoveram a “transição da força muscular para a energia mecânica, (na atual) a produção humana é aumentada por meio da potência aprimorada da cognição” (Schwab, 2016, p. 15), a partir da fusão de tecnologias digitais, fundamentalmente computação, internet e inteligência artificial, se estabelece uma “interação entre domínios físicos, digitais e biológicos” (Schwab, 2016, p. 16). Ao lado das diferenças, convivem similitudes nas categorias de vitoriosos e perdedores.

Os grandes beneficiários da quarta revolução industrial são os provedores de capital intelectual ou físico – os inovadores, os investidores e os acionistas; isso explica o fosso crescente entre a riqueza daqueles que dependem do seu trabalho e aqueles que possuem capital. Isso também é responsável pela desilusão entre tantos trabalhadores, convencidos de que não podem aumentar sua renda real durante a vida e de que seus filhos talvez não tenham uma vida melhor que a deles (SCHWAB, 2016, p. 21, sem paginação)

Galston ilustra com clareza o que representa nos Estados Unidos essa quebra de expectativa: “Mais de nove a cada dez crianças nascidas em domicílios de setores médios” em 1940 conseguiram atingir uma renda

⁷⁷ O FEM foi fundado em 1971, tem sede em Genebra, Suíça, onde realiza anualmente, na colônia de Davos, um Fórum convocado a partir de um tema central considerado expressivo do momento econômico, com a presença de empresários, intelectuais, funcionários de governos e lideranças políticas.

real maior aos 30 anos do que seus pais quando tinham a mesma idade. Em comparação, menos de metade das crianças nascidas nos anos 1980 conseguiram superar a renda de seus pais” (Galston, 2017). Nesse cenário, estariam dadas as condições favoráveis ao exaltado e genérico discurso Trumpiano demonizando as elites, situando-o entre os referentes dos “novos populismos”.

2. O debate sobre populismo

O termo populismo, embora de uso comum e frequente, carece de rigor analítico. Além de remeter a realidades dificilmente comparáveis como os Narodniki na Rússia e o Partido Populista de James B. Weaver nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX, a América Latina das décadas de 1940-60 ou do início do século XXI, a caracterização dos elementos que seriam típicos do fenômeno, por demais diversa e heterogênea, dificulta o debate em torno de padrões de referência capazes de delimitar uma individualidade histórica.

A identificação mais comum, e ao mesmo tempo simplista, de práticas “populistas”, especialmente

presente na mídia e nos embates ideológicos, destaca como peculiaridade seu lado demagógico e manipulador. No entanto, o apelo ao povo, adaptando discursos a diferentes plateias, exacerbando expectativas sobre a capacidade de uma liderança, de um partido ou de um governo de resolver os graves problemas que atingem um setor da sociedade, um país ou a própria humanidade, permeia a prática política de diferentes espectros, à esquerda ou direita. A tentativa sistemática – muitas vezes com assessoria de modernas e sofisticadas empresas de marketing – de captar os sentimentos das massas em favor de cruzadas de caráter local, nacional ou global, seja contra o imperialismo norte-americano ou exaltando *America First*, não tem patrimônio regional ou político-ideológico.

No debate teórico sobre o populismo, o pensamento latino-americano tem importantes contribuições, em que cabe destacar duas vertentes especialmente influentes. Uma está focada no momento histórico da industrialização por substituição de importações, marcadamente nos países economicamente mais

avançados, como Argentina, Brasil e México, em que os processos de urbanização e expansão do proletariado industrial colocam o desafio de integrar no sistema político as massas emergentes. Práticas demagógicas e personalistas estão presentes, mas como parte de um contexto de mudança e instabilidade que tende a ser equacionado através de um Estado de compromisso, em que parte dos grupos dominantes consideram a necessidade de conferir legitimidade às demandas dos setores populares. Referindo-se à realidade brasileira dos anos 1940, Francisco Weffort situa como componentes fundamentais do populismo, “a personalização do poder, a imagem (meio real e meio mística) da soberania do Estado sobre o conjunto da sociedade e a necessidade da participação das massas populares urbanas” (1980, p. 69). Acompanhando essa perspectiva, Manuel Garretón questiona a caracterização de populismo para a personalização do poder presente em lideranças como a de Hugo Chávez na Venezuela a partir dos anos 1990, já que não se trata de “integrar setores excluídos a uma comunidade política já existente, ... se trata de uma

mobilização destinada a refundar ou reconstruir a polis a través de uma nova constituição” (2006, p. 109).

A outra vertente considerada na caracterização do populismo segue uma perspectiva que, mesmo sem desconhecer as diferenças de contexto, direciona seu foco para o surgimento de demandas que unificam grupos, institucionalizam reivindicações a través de movimentos sociais e geram identidades. De acordo com Ernesto Laclau, em determinadas situações, a insatisfação com a realidade pode gerar condições para uma “ruptura populista”, na medida em que haja uma percepção dominante de que “os canais existentes para a veiculação das demandas perderam sua eficácia e legitimidade, e que a nova configuração hegemônica ... suporá uma mudança de regime e uma reestruturação do espaço público” (2006, p. 57). Aqui, a emergência do populismo está associada a três dimensões, que o autor considera presentes na Venezuela de Chávez: “a equivalência entre as demandas insatisfeitas, a cristalização de todas elas em torno de certos símbolos comuns e a emergência de um líder cuja palavra encarna esse processo

de identificação popular” (op. Cit., p. 58).

Laclau questiona as visões que atribuem ao populismo uma conotação pejorativa. Frente à indeterminação da realidade social e o caráter plural das demandas, o discurso que busca estruturar dicotomias em torno de “nós” e “eles” será necessariamente vago (2005). Assumindo essa mesma perspectiva, Chantal Mouffé desvincula o populismo de fundamentos ideológicos, “trata-se exclusivamente de um modo de articulação de demandas que podem ser de diversa natureza” (Errejón e Mouffé, 2015, p. 84), abarcando vertentes à esquerda, como na América Latina, ou à direita, como na Europa, em que destaca, no caso da França, a dianteira de Marine Le Pen na compreensão “de identidades coletivas (já que) a política consiste em construir um <nós>”. Na contramão, “partidos de esquerda acreditam que apenas podem se utilizar chamados à razão porque isso de mobilizar as paixões é o que faz a direita ‘fascista’” (op. Cit. P. 58), levando a uma perda de capacidade de interlocução com as maiorias.

Aqui entramos numa outra variante da indefinição que acompanha a atribuição de nomenclaturas pouco elucidativas: a perda de referências próprias de um processo de globalização que nas décadas recentes atinge um ritmo inédito de aceleração. Como assinala Zygmunt Bauman, a liquidez passa a ser o estado permanente da vida e da sociedade, “uma vida precária e vivida em condições de incerteza constante (...) que resulta do temor a que nos tomem desprevenidos, a que não possamos acompanhar o ritmo de acontecimentos que se movem com grande rapidez, a que fiquemos para trás” (2006, p. 10).

Esses temores tendem a estimular discursos políticos que prometem segurança e amparo contra a diversidade de medos e incertezas que assombram o capitalismo avançado e atrasado, tornando o retorno aos fundamentos originais das civilizações um tema recorrente, seja nos Estados Unidos, na Europa, no Oriente Médio ou na América Latina. Neste processo, Bauman faz menção ao surgimento deretrotopias, “mundos ideais localizados num passado perdido/roubado/abandonado que,

ainda assim, se resistiu a morrer” (Zygmunt Bauman, 2017, p. 14).

No fenômeno Trump, estão presentes várias das características apontadas pelas vertentes analíticas que destacamos: personalização do poder, mobilização e articulação de sentimentos de exclusão em torno de um vago “nós” e “eles”, a retrotopiade “make America greatagain”. No entanto, conforme apontado no início desta seção, trata-se de ingredientes comuns a práticas políticas presentes em diversos contextos históricos, geográficos e de um conteúdo ideológico díspar.

Mais do que um retorno ao “populismo”, as mudanças apontadas na realidade material, afetando identidades e visões de mundo, revelam, da nossa perspectiva, um fenômeno disseminado internacionalmente em que a política assume uma variedade de discursos cujo grau de indeterminação é proporcional aos impactos locais de processos de origem cada vez mais dispersa e velocidade crescente. Paralelamente às carências estruturais que afetam os setores populares, a desestabilização de uma realidade percebida como estável tende a gerar novas demandas,

acompanhadas da construção de identidades e lideranças. Dependendo da capacidade de absorção das reivindicações dos atores emergentes por parte do sistema político e econômico, poderá haver um processo de ruptura e o surgimento de uma nova hegemonia, caso mais próximo do contexto da emergência do chavismo na Venezuela, ou uma relegitimação do status quo a partir da ampliação das elites de poder, em que situamos o trumpismonos Estados Unidos.

A ideia de *America First*, torna explícito um polarizado debate que coloca em lados opostos uma elite em processo de afirmação, em que despontam grupos de ultradireita com visão ideologizada de contornos civilizacionais e interlocução com equivalentes europeus, frente a um establishment neoliberal que vê perder espaços depois de apostar na vitória de Hilary Clinton.

No entanto, a ascensão dos outsiders é fortemente dependente da liderança pessoal de um presidente sem doutrina e de histórico volúvel, alimentando as esperanças externadas pela *The Economist* de que pode se tratar de um episódio passageiro. Mais cedo do que tarde,

com o sem Trump, as hierarquias tenderão a ser restabelecidas.

To be continued...

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- _____. **Retrotopía**. Buenos Aires: Paidós, 2017.
- ERREJÓN, Íñigo e Mouffe, Chantal. **Construir Pueblo**. Barcelona: Icaria, 2015.
- FEDER, Lester. **This Is How Steve Bannon Sees The Entire World, BuzzFeed News Reporter, 15 de novembro**. 2016. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/lesterfeder/this-is-how-steve-bannon-sees-the-entire-world?utm_term=.wbD8dW3mz2#.in6M9jYnJ0>
- FUKUYAMA, Francis. **Trump and American Political Decay. After the 2016 Election, Foreign Affairs, 9 de novembro**. 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-11-09/trump-and-american-political-decay>>
- GALSTON, William. **A vez do populismo, Journal of Democracy em Português, 20 de outubro**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/funda%C3%A7%C3%A3o-fhc/a-vez-do-populismo-a87792af7358>>
- GARRETÓN, Manuel. **Modelos y Liderazgos en América Latina**. Buenos Aires: Nueva Sociedad, n° 205, 2006.
- LACLAU, Ernesto. **La razón populista**. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- _____. **La deriva populista y la centroizquierda latinoamericana**. Buenos Aires Nueva Sociedad N° 205, 2006.
- RADOSH, Ronald. **Steve Bannon, Trump's Top Guy, Told Me He Was 'a Leninist', Daily Beast**. Acesso em: 26/08/2016. Disponível em: <<https://www.thedailybeast.com/steve-bannon-trumps-top-guy-told-me-he-was-a-leninist>>
- SCHWAB, Klaus A **quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.
- THE ECONOMIST. **Um agitador na Casa Branca, The Economist. In.:** O Estado de São Paulo Acesso em: 5/02/2017. Disponível em <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,um-agitador-na-casa-branca,70001653279>>
- WEFFORT, Francisco. **O Populismo na Política Brasileira**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.